

Estranhar e reconhecer: um processo de descontinuidades na paisagem urbana de Anápolis-GO (1870-2022)

*Surprising and recognising: a process of discontinuities in the urban
landscape of Anápolis-GO (1870-2022)*

*Sorprender y reconocer: un proceso de discontinuidades en el paisaje
urbano de Anápolis-GO (1870-2022)*

Lara Ferreira Amaral *

Universidade Estadual de Goiás; Instituto
Acadêmico de Educação e Licenciaturas;
Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em
Ciências Sociais e Humanidades: Território e
Expressões Culturais no Cerrado (TECCER)
Anápolis (GO), Brasil.
larafeerreira@gmail.com

Jovanir José Lopes Filho

Universidade Estadual de Goiás; Instituto
Acadêmico de Educação e Licenciaturas;
Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em
Ciências Sociais e Humanidades: Território e
Expressões Culturais no Cerrado (TECCER)
Anápolis (GO), Brasil.

* Autora correspondente.

CRediT

Contribuição de autoria: Concepção; Curadoria de dados; Análise; Coleta de dados; Metodologia; Software; Supervisão; Validação; Visualização; Redação – rascunho original; Redação - revisão e edição: AMARAL, L. F.; Concepção; Curadoria de dados; Análise; Coleta de dados; Metodologia; Visualização; Redação – rascunho original; Redação - revisão e edição: LOPES FILHO, J. J.

Conflitos de interesse: Não há conflito de interesses.

Financiamento: Não se aplica.

Aprovação ética: Não se aplica.

Uso de I.A.: Não se aplica.

Editores responsáveis: Daniel Sant'Ana (Editor-Chefe); Luciana Saboia F. Cruz (Editora Associada); Carolina Pescatori C. Silva (Editora Associada); Maria do Carmo L. Bezerra (Editora Associada); Leandro S. Cruz (Editor Convidado); Sara Cristina C. Zampronha (Assistente editorial); Sarah A. B. Vencio (Assistente editorial); Pedro O. B. Pinto (Assistente editorial); Víctor A. O. Itonaga (Assistente editorial).

Resumo

O presente artigo visa compreender como se dão os discursos na produção do espaço urbano, tendo como objeto a cidade de Anápolis, localizada no centro do Cerrado goiano. É possível compreender quais discursos se materializam, com base na divisão em três períodos processuais da cidade. A apropriação dessas narrativas pelos discursos acadêmico-científicos, muitas vezes, tende a alterar a essência da identidade das cidades. Nesse sentido, Anápolis se coloca em um espaço que está em constante estranhamento e reconhecimento, descontinuidade e transformação. A pesquisa qualitativa, bibliográfica e documental, a fim de aprimorar e perceber essa cidade através do tempo, foi adotada como metodologia; apoiada na análise de fotografias históricas da cidade, para o melhor entendimento dos processos estudados.

Palavras-chave: Identidade; Transformação; Modernidade; Pertencimento.

Abstract

This article aims to understand how the discourses occur in the production of urban space, having as object the city of Anápolis, located in the center of the Cerrado of Goiás. It is possible to understand which discourses materialize, based on the division into three procedural periods of the city. The appropriation of these narratives by academic-scientific discourses often tends to alter the essence of the identity of cities. In this sense, Anápolis places itself in a space that is in constant estrangement and recognition, discontinuity and transformation. The qualitative, bibliographic and documentary research, in order to improve and perceive this city through time, was adopted as methodology; supported by the analysis of historical photographs of the city, for a better understanding of the processes studied.

Keywords: Identity; Transformation; Modernity; Belonging.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo comprender cómo ocurren los discursos en la producción del espacio urbano, teniendo como objeto la ciudad de Anápolis, ubicada en el centro del Cerrado de Goiás. Es posible comprender qué discursos se materializan, a partir de la división en tres períodos procesales de la ciudad. La apropiación de estas narrativas por los discursos académico-científicos a menudo tiende a alterar la esencia de la identidad de las ciudades. En este sentido, Anápolis se sitúa en un espacio que está en constante extrañamiento y reconocimiento, discontinuidad y transformación. Se adoptó como metodología la investigación cualitativa, bibliográfica y documental, con el fin de mejorar y percibir esta ciudad a través del tiempo; apoyado en el análisis de fotografías históricas de la ciudad, para una mejor comprensión de los procesos estudiados.

Palabras clave: Identidad; Transformación; Modernidad; Pertenencia.

1 Introdução

A cidade pode ser entendida como organismo vivo, sujeita a transformações, conflitos de poder, movimentos e tensões que ocorrem em determinado espaço geográfico, deste modo, também está sujeita ao desgaste. Mumford (2001) aponta que a cidade abriga dentro de sua estrutura uma complexa rede de articulações culturais, que transformam a mente do ser humano, reorganizam as noções de tempo e espaço, configuram a imagem de uma entidade viva, sujeita ao desgaste e à destruição, além de ser testemunha viva do legado da história.

Sendo a cidade legado da história, observa-se a dimensão cultural do urbano que se relaciona com o conjunto de sentidos partilhados no meio social. É notado que nas sociedades humanas operam forças que trabalham simultaneamente em direções opostas: uma tende a manter, acentuar as diversidades e particularidades; enquanto outras agem no sentido da convergência e do assemelhamento. Já apontava Lévi-Strauss (2017) que todo progresso não é necessário nem contínuo, muito menos linear.

Observa-se que o desenvolvimento da técnica caminha com os processos sociais e que toda história é cumulativa, com diferenças de graus de menor ou maior complexidade. Não obstante, nota-se um duplo sentido do progresso que vai unificando e diversificando, deste modo, verifica-se que a história humana tem o conflito como marca, porém, no decorrer deste processo surge a criação de significados e símbolos que são constituídos ao longo do tempo, capazes de atribuir o sentimento de pertencimento e reconhecimento aos cidadãos com o meio local. É papel do historiador/ pesquisador que estuda a cidade e a história cultural do urbano averiguar os processos que se sobrepõem, sejam eles sociais, tecnológicos, políticos ou morfológicos, entre outros.

Donatella Calabi, em entrevista, aponta que ao falar de cidade, é necessário lembrar que a duração temporal e a força espacial se relacionam e possuem a capacidade de absorver as condições tecnológicas e as transformações sociais imprevisíveis (Calabi; Retto Jr.; Boifava, 2003). Com isso, Pesavento (2005) complementa:

[...] A passagem do tempo modifica o espaço, onde as práticas sociais do consumo e da apropriação do território não só alteram as formas do urbano como também a função e o uso do mesmo espaço, descaracterizando o passado da cidade.

Neste contexto, a história enfrenta o desafio do tempo físico e do tempo social, buscando ver, no presente, uma cidade do passado que se apresenta, com frequência, como uma cidade *perdida* (Pesavento, 2005, p. 11-12).

Verifica-se que as cidades se constituem, ao longo do tempo, através das práticas exercidas em determinado espaço geográfico. Nessa perspectiva, Carlos (2007) afirma que o espaço urbano se revela como condição, meio e produto da ação humana. Côrrea (1995), por sua vez, aponta que para compreender o espaço urbano é necessário verificar as inter-relações que permeiam a cidade, observando que ela se dá através da sobreposição de diferentes conjuntos de usos do lugar justapostos entre si, gerando espaços simultaneamente fragmentados e articulados entre si. Com Lefebvre (2004), entende-se que a produção do espaço se dá não somente pela produção material, mas também de vida, de cultura, do modo de ser urbano, que tende a se generalizar em escala mundial, ainda que mantendo suas particularidades.

Admite-se a necessidade de compreender a diferença entre espaço e lugar. Para essa

análise, entende-se o espaço como qualquer área ou sítio; enquanto lugar é um espaço que possui uma dimensão de significados e identidade, ou seja, a existência do espaço é material, pois o espaço existe sem lugar, porém, o lugar não existe sem o espaço. Deste modo, atribuir identidade ao espaço transforma-o em lugar. Para Norberg-Schulz (1980), o lugar pode ser dividido em dois tipos o material, físico e palpável e o imaterial, que se apresenta no campo do imaginário das percepções e não é visível aos olhos. Segundo Gonçalves (2012), a identidade de um espaço é transmitida pelas características e funções do mesmo e, pode também ser transmitida pelo espírito de um lugar. O autor se apoia na contribuição teórica de Norberg-Schulz, para quem identidade e orientação se interligam no sentido do habitar:

[...] As duas funções psicológicas envolvidas [no habitar] podem ser chamadas de “orientação” e “identificação”. Para adquirir um ponto de apoio existencial, o homem deve ser capaz de se *orientar*; ele deve saber *onde* está. Mas ele também deve se *identificar* com o ambiente, ou seja, ele deve saber *como* ele está em determinado lugar. (Norberg-Schulz, 1980, p. 19, tradução nossa)

Por meio dessas escalas de temporalidade, observa-se que a cidade é um organismo que se encontra no aqui e no agora, porém, subsidiada da memória. Todavia, observa-se que o passado se presentifica, assim como através do planejamento o futuro também permanece no plano do presente.

O tempo das cidades é múltiplo e está sempre a ser construído, pois a cidade é uma contínua reinvenção do mundo no espaço: desde o tempo do presente, onde se realizam as opções políticas e se decidem as intervenções sobre o urbano, a cidade se reconstrói continuamente, tendo por horizonte o passado e o futuro (Pesavento, 2005, p. 14).

Ao buscar compreender esses espaços urbanos cumulados de tempo em suas paisagens, um aspecto importante é olhar esses locais como lugares cumulados também de histórias, memórias e, portanto, de significados. Nesse sentido, analisar o conjunto que molda todo esse lugar ao longo tempo é importante para entender quais processos fazem parte da formação urbana e, conseqüentemente, do pertencimento e da função social de cada lugar.

Uma das formas de buscar os significados ligados a um determinado lugar é o entendimento do conjunto de relações intrínsecas que gera uma identidade urbana específica e que reúne os diversos grupos e objetos deste lugar como um todo coerente. Esta imagem própria, com símbolos particulares, cria no seu habitante a sensação de que ele pertence a este lugar e lhe transmite afetivamente as importantes funções psicológicas de orientação e identidade. Por outro lado, esta mesma estrutura de significados evoca também, sensações peculiares ao visitante, tornando um lugar tanto mais poderoso quanto mais expressas são as forças simbólicas ligadas à sua unicidade. As imagens de uma cidade habitam a imaginação coletiva. (Carsalade, 2001, p. 51)

Os discursos também são elementos importantes para a compreensão do desenvolvimento das cidades. Acorados por ideologias, ganham força para formar percepções da sociedade. Produzem, assim, mudanças de usos e apropriações dos significados que os espaços adquirem por meio das percepções, das memórias, dos desejos e das representações que se apresentam nas escalas da vida cotidiana, gerando sensações de pertencimento aos habitantes, onde tais processos podem provar estranhamento/ reconhecimento do lugar onde se vive.

Tomamos como o objeto de estudo a cidade de Anápolis (GO), localizada no centro do Cerrado goiano. Segundo José Fábio da Silva (2014), a cidade tem o progresso como categoria de entendimento histórico. Em todos os períodos, principalmente a partir da chegada da ferrovia na década de 1930, a cidade toma para si a modernização como pressuposto para sua própria identidade. Ainda de acordo com o autor (Silva, 2014, p. 25) “o termo progresso tornou-se não apenas uma palavra que designava a mudança, mas uma categoria chave na elaboração de um sentido histórico capaz de articular o presente, o passado e o futuro”.

Deste modo, pretende-se analisar como os discursos políticos e ideológicos afetaram algumas das transformações urbanas da cidade ancorados na análise temporal dos três principais períodos de transformação da cidade (Luz, 2009). A metodologia adotada se baseia na pesquisa qualitativa, bibliográfica e documental, a fim de aprimorar e perceber essa cidade através do tempo; e a análise fotográfica para melhor compreender os processos. A pesquisa bibliográfica se estende principalmente sobre os estudos de Silva (2014), Vargas (2015), Luz (2009) e Silva (2019), visando dar continuidade ao aspecto da modernização como categoria do entendimento sobre a cidade de Anápolis. Este estudo resultou de uma produção para a disciplina Múltiplos olhares sobre o Cerrado: pesquisas, estudos e abordagens (2021/2), do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER).

2 Anápolis no sertão (1870-1935)

No que compete ao entendimento da dinâmica das transformações em cada território, toma-se como entendimento a forma e a apropriação de diferentes peculiaridades temporais, espaciais e institucionais, além dos discursos que afetam essas produções (Estevam, 1997). O Cerrado sempre esteve envolto em discursos de exploração, de enigmas e suposições que fazem parte hoje da formação do seu território.

Comumente chamado “sertão” por muito tempo, por ser aparentemente um território inóspito aos viajantes, o Cerrado tem como ponto inicial de exploração a ocupação dos bandeirantes paulistanos, sob o comando, ainda, do Antigo Regime¹, e como principal motivação a busca por riquezas. As primeiras expedições têm início em 1589, com a bandeira de Domingos Luís Grou, que chegou à nascente do Rio São Francisco (Bertran, 1994).

A descoberta do ouro em Goiás em 1722 e, posteriormente, o processo de queda brusca da produção do minério a partir 1809, ocasionaram novas mudanças nas posturas econômicas nesse território, quando mais vigorosamente se via a lavoura e a pecuária tomando forma de exploração para a sobrevivência em Goiás (Estevam, 1997). Já nesse período o processo de migração entre as cidades, em busca de qualidade de vida, tornou-se um fator marcante.

Dutra e Silva (2017) aponta que é a partir de 1930, com as políticas de colonização incentivadas pelo governo federal, começando por Getúlio Vargas (1930-1945), que os discursos e ações buscaram difundir a ideia do Brasil Central como um eldorado, uma terra de promessa. Por se tratar de uma paisagem aparentemente inóspita, árida, seca e desconhecida por muito tempo, o Cerrado fora denominado como sertão. Essa

¹ Sistema político constituído como poder total nas mãos do Rei, Absolutismo, e que no caso do Brasil era o Rei de Portugal.

terminologia se altera mais claramente a partir dos anos 1960, como parte do “discurso de planificação capitalista” nesse território (Vicentini, 2016, p. 20). Esses discursos, que permeiam as ocupações e explorações, se fazem importantes para compreender o processo de produção do espaço no Cerrado.

Adentrando ao objeto de estudo, encontramos Anápolis, localizada no centro do estado de Goiás e que faz parte tanto desses fluxos como dos discursos que permeiam o Cerrado. A cidade é caracterizada por seu rápido desenvolvimento e narrativas que visam o progresso marcado em sua paisagem. Com isso, percebe-se cada dia mais muitas de suas histórias se tornando insignificantes aos seus naturais do lugar. Sua consolidação se dá por meio de fluxos de tropeiros que passavam por esse local em busca do ouro desde meados de 1870. Luz (2009) ressalta que a mineração foi um dos principais impulsos para a formação dos núcleos urbanos em Goiás, ocasionando fluxos migratórios provenientes, sobretudo, do Sudeste e do Nordeste.

Sua cronologia histórica, baseada em Chiarotti (2010), ocorre com a passagem de Fazenda à Povoado de Santana das Antas (1819-1873); Freguesia de Santana das Antas (1873-1887); Vila de Santana das Antas (1887-1907); e, por fim, Cidade de Anápolis (1907). Caracteriza-se, no tocante aos processos históricos de Anápolis, segundo Luz (2009), como sendo o primeiro período o final do século XIX e as três primeiras décadas do século XX (1870-1935); o segundo, a chegada da ferrovia (1935-1960); e, por fim, o terceiro, a partir de 1960, tendo como marco a construção de Brasília, permeando os dias atuais.

Esses deslocamentos caracterizam os ímpetus da concepção urbana de Anápolis, com os tropeiros que ali passavam, instalavam-se nessas localidades e, conseqüentemente, geravam trocas de mercadorias favoráveis ao comércio. Outro fator relevante foi a construção da Capela em honra a Sant’Ana (Figura 1), por Gomes de Sousa Ramos, em 1871. Isto potencializa o adensamento populacional nesse local, como descreve Polonial (2007, p. 18): “[...] em 1871 existiam apenas sete casas, no ano seguinte esse número foi para 20 moradias, com uma população estimada em 120 pessoas só no povoado”.

É interessante notar que antes de o marco inicial ser concebido, a Capela destinada à Sant’Ana, já havia habitantes nessa região. Há relatos de viajantes que a caracterizam como um lugar simples, com presença de água e terras férteis; e para outros, como Saint-Hilaire, em 1819, viajante e botânico europeu, quando se aloja em uma das fazendas existentes, ela se encontrava em “péssimo estado, mas da qual dependia um rancho muito limpo e bastante grande” (Saint-Hilaire, 1937, p. 191).

Nesse primeiro período podemos destacar alguns fatores relevantes, como o rápido crescimento populacional da cidade, gerando assim mais fluxos e desenvolvimento econômico. Neste início, a cidade se destacava ainda pela sua rusticidade (Figuras 2 e 3): “o traçado da cidade acompanhava as curvas de nível e se afastava do córrego, expandindo-se para as encostas laterais” (Vargas, 2015, p. 35).

Os aspectos gerais da cidade traduziam a rusticidade dos meios de vida e o isolamento regional imposto pelas distâncias, pela pobreza dos meios e vias de transporte. As construções despretensiosas, todas as casas com paredes de adobes e esteios de madeira. A cobertura era de telhas de bica, de estilo colonial. Na periferia eram comuns os ranchos com paredes de taquara trançada, entremeadas de barro, cobertos de sapé. A ausência de serviços urbanos era completa (França, 1973, p. 648).

Figura 1: Praça Sant'Ana em 1888 onde se vê, à esquerda, a Capela Sant'Ana.



Fonte: D. Alves (2013, p. 71).

Figura 2: Pharmacia Brazil no Largo de Santana em 1916.



Fonte: Gonçalves (2021, p. 42).

Figura 3: Largo e Igreja de Santana em 1921.



Fonte: Gonçalves (2021, p. 49).

Destaca-se também nesse período o fluxo intenso de imigrantes no território. Segundo França (1973), desde 1910 surge a expectativa da construção da linha férrea (EFG)² em Anápolis, o que ocasionou muitas migrações para região, além de vários incentivos e discursos governamentais de adensamento. Os imigrantes contribuíram significativamente para a produção do espaço urbano de Anápolis, principalmente no meio comercial.

Na década de 1920 o comércio em geral apresentava-se dominado pelos árabes em um sistema quase de monopólio. As lojas diversificaram-se atendendo ao comércio varejista e atacadista, contribuindo para que a função urbana se tornasse comercial. Quando na década de 1930, o transporte ganhou velocidade com a chegada dos trilhos, o comércio estabelecido há duas décadas obteve assim, uma natural expansão. (Vargas, 2015, p. 43)

Um edifício que merece destaque quanto aos vestígios dessa paisagem histórica é o atual Museu Histórico “Alderico Borges de Carvalho” (Figura 4), que abrigou a casa do Coronel José da Silva Batista³ em 1907, posteriormente sediou o Colégio Paroquial Dom Bosco e, em 1940, a casa de Cônego Trindade⁴ (Silva, 2010, p. 34). Sua arquitetura tradicional⁵ é marcante na paisagem atual, pois é um dos poucos edifícios que abrange o período inicial da cidade. Vale mencionar que é um bem tombado como Patrimônio Histórico pela Lei Municipal nº 1.824 de 1991.

² A Estrada de Ferro Goiás (EFG) estava nos planos do Governo Federal, que visava a integração econômica entre os Estados de São Paulo e Minas Gerais e o mercado produtor agrícola em expansão em Goiás, seu traçado iniciava em Araguari até a Cidade de Goiás (Vargas, 2015, p. 67).

³ Também conhecido como Zeca Batista que foi presidente da Junta Administrativa, cargo similar ao de Prefeito assim que se deu a elevação da Freguesia em Vila.

⁴ Cônego José Trindade da Fonseca e Silva foi Padre, Escritor, Secretário da Educação de Goiás entre 1951-1954 (Alves, 2019).

⁵ Entende-se por arquitetura tradicional em Anápolis tipologias derivadas da arquitetura colonial, bandeirista e ferroviária, com predominância nos exemplares Neocoloniais, Ecléticos e *Art Déco* (Vargas, 2015).

Figura 4: Museu Histórico “Alderico Borges de Carvalho” na década de 1960.



Fonte: Museu Histórico “Alderico Borges de Carvalho”.

Nessa época era recorrente esse caráter mais tradicional das edificações, e em sua paisagem prevalecem características homogêneas desse período inicial da cidade, com enfoque no olhar sobre a Igreja e todo o processo conservador em seu espaço. De acordo com Martins, Cleps e Silva (2021), o discurso sobre o sertão ainda não fazia parte da lógica capitalista de produção. Na verdade, é a partir da construção de Goiânia que se materializam mais fortemente os discursos de modernidade em Goiás, já que essa cidade foi pensada exatamente para ser um exemplar moderno, trazendo assim a tão almejada mudança que o “sertão” almejava.

Nesse sentido, os discursos sobre a cidade ainda eram, na maioria das ações, em escala local. Porém, já existia o anseio pelo melhoramento do aspecto urbano da cidade, a exemplo de uma ação de Graciano Antônio da Silva (1923-1927), prefeito da cidade, inovadora para época e em prol do embelezamento da cidade. Ele desapropriou alguns proprietários de um terreno e construiu o primeiro jardim público da cidade em 1926, com um coreto ao centro da praça (Figura 5). Esse coreto foi demolido em 1948 dando lugar ao novo coreto de estilo *Art Déco* (Figura 6), o qual, atualmente, é considerado patrimônio histórico da cidade sob a Lei nº 2725, de 05 de abril de 2001. O que se vê era um objetivo de melhorias urbanas, mas sempre aliado a discursos de modernização, mesmo que ainda de caráter local.

No entanto, a construção de Goiânia em 1933 traz um novo discurso ao “sertão goiano”, já que o objetivo era desenvolver e explorar cada vez mais esse território e, com isso, levá-lo à modernidade, pois era visto pelo Estado como desocupado e que precisava ser descoberto, e conseqüentemente, rentável. Todo o discurso envolvendo esses acontecimentos impregnaram no imaginário da sociedade da época (1930-1950), de modo que a localização da nova capital seria o ponto chave para a modernização capitalista, e um grande símbolo desse ideário foi a ferrovia (Martins; Cleps; Silva, 2021). Com isso, após a construção de Goiânia (1933), e com a chegada da Estrada de Ferro Goiás (EFG), Anápolis toma uma nova forma, iniciando assim discursos de modernidade que mudariam perspectivas e ações.

Figura 5: Atual Praça James Fanstone em 1940.



Fonte: Museu Histórico “Alderico Borges de Carvalho”

Figura 6: Novo coreto da Praça em 1949.



Fonte: Museu Histórico “Alderico Borges de Carvalho”

3 Anápolis através dos discursos modernos (1935-1960)

O segundo período que marcou a história da cidade foi a integração econômica do município no cenário nacional, que evidencia um forte fluxo de imigração de estrangeiros. É importante salientar que a marca deste período é a chegada da Estrada de Ferro Goiás (EFG) em 1935 (Figura 7), que amplifica as dinâmicas comerciais e integra ainda mais Anápolis às dinâmicas regionais.

Nota-se que o desenvolvimento apresentado pelo município na década de 1930 se realizou em decorrência de políticas com o objetivo de expandir e integrar as regiões do Centro-oeste e o norte do Brasil no governo de Getúlio Vargas, durante o Estado Novo (1937-1945), com a política da *Marcha para Oeste*, que tinha como finalidade levar infraestrutura e modernidade para o interior. Tal modernidade se apresenta de forma explícita a partir da chegada da linha férrea (1935), quando Anápolis se apresentava como ponto terminal da estrada de ferro em Goiás (Vargas, 2013, p. 56).

Figura 7: Inauguração da estação e ao lado a comunicação da inauguração da estação.

Fonte: O Estado de S. Paulo, 7/9/1935 / O Estado de S. Paulo, 28/9/1935.

Com a chegada da Ferrovia, que a cidade já esperava há décadas, o espírito de modernização acarretaria profundas mudanças. Novos bairros surgiram, renovações no centro da cidade, novos edifícios públicos, enfim, um novo *boom* populacional e ideológico permeou a cidade. “Esse evento foi apropriado no decorrer do tempo como a abertura da cidade para o progresso, o início da Anápolis moderna, na interpretação dos que vivenciaram aquele momento” (Silva, 2014, p. 26).

Pela proximidade entre Goiânia e Anápolis, cerca de 59 km, muito desse espírito do novo ideário, e ainda com a influência dos inovadores materiais de construção, acelerou-se o desenvolvimento econômico, cujo reflexo na paisagem urbana da cidade foi estrondoso. Segundo Vargas (2015), entre 1930 e 1950 Anápolis se tornara um importante entreposto comercial de Goiás. O progresso se torna cada vez mais necessário e é impregnado não só nos costumes, mas no imaginário da época. De acordo com Vargas (2015), o estilo *Art Déco*⁶, com características de um estilo arquitetônico que estava ligado à ideia de modernidade e racionalidade, foi marcante no cenário anapolino nesse período. É perceptível, então, que o processo de transformação acontece de forma gradativa, a partir desse momento de superação do “atraso”, como ressaltavam os discursos da época. As alterações começavam pelas fachadas, muitos escondiam seus telhados tradicionais com as platibandas e, criavam alto relevo como elementos adicionais (Figuras 8 e 9), o que aconteceu em muito edifícios reformados e novos (Vargas, 2015).

É interessante mencionar que o processo que culminara com a ferrovia, mediante o ideário de modernidade da época, impregnou fervorosamente na cidade de Anápolis, que, por muito tempo, caracterizou-se por uma paisagem tradicional, mas que aos poucos dava lugar às novas tendências, aplicadas assim aos novos ideários. Um exemplo desse processo se encontra no principal marco inicial da cidade, a Capela Sant’Ana, que por muito tempo abrigou um edifício simples, mas que em 1948 fora demolido, pois não suportava mais a demanda populacional e nem representava a cidade que se pretendia moderna. O preocupante é que o edifício foi demolido sem nenhuma ideia de preservação ou resquícios desse marco tão importante para a cidade (Figura 10). A demolição é uma ação corriqueira na cidade, devido à falta de zelo com as suas representações históricas, inerentes à arquitetura da cidade, que se tornaram símbolo marcante da urbe.

⁶ “O *art déco* foi uma vertente artística que buscava a ornamentação, utilizando a combinação de formas geométricas, valendo-se do jogo de encaixes e recuos, submetidos à complexidade dos planos” (Vargas, 2015, p. 107).

Figura 8: Casa de Saúde Nossa Senhora de Lourdes em 1942.



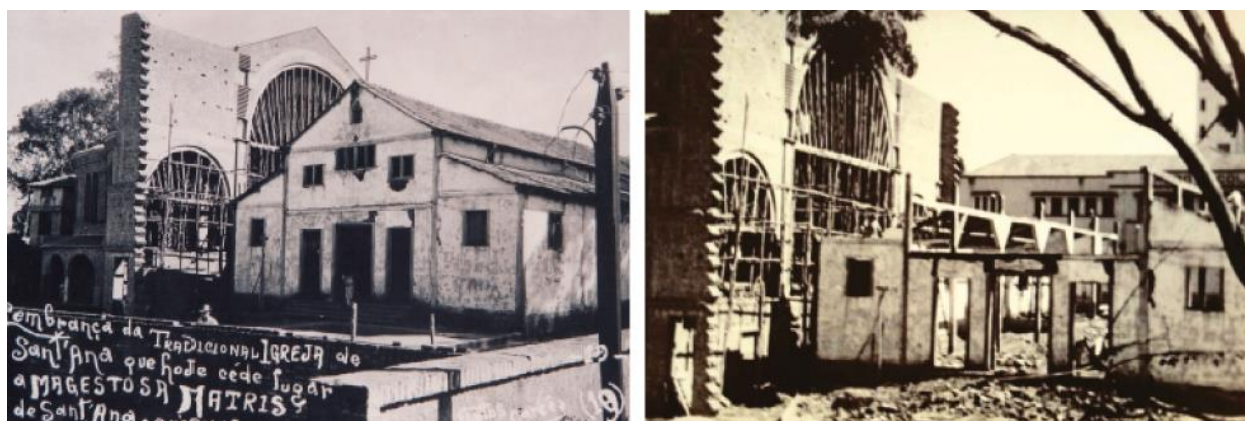
Fonte: Gonçalves (2021, p. 112).

Figura 9: Hotel Tuna na Rua Antônio Carlos em 1948



Fonte: Gonçalves (2021, p. 157).

Figura 10: Igreja Santana ao lado da nova Matriz em 1948, paralela à imagem da antiga igreja demolida em 1948.



Fonte: Gonçalves (2021, p. 175).

A construção inicial de Brasília (1957-1960) também trouxe influências para a cidade, já nesse momento o Governo Federal incentivava o transporte rodoviário, as vias e os carros estavam cada vez mais ocupando o espaço. O ideário de modernidade, trazido pelos trilhos da ferrovia, passou a trilhar as rodovias pavimentadas; a rua, antes do encontro entre pedestres, agora se torna totalmente pensada para os fluxos rápidos dos carros (Figura 11).

Figura 11: Vista aérea de Anápolis nos anos 1950. O pátio ferroviário está no centro da fotografia.



Fonte: Autor desconhecido.

É relevante mencionar que nesse momento o sertão já havia sido descoberto como um ponto chave de exploração, o Cerrado agora era visto como um território promissor à exploração. Desde Vargas e a *Marcha para o Oeste* até o governo Juscelino Kubitschek (1956-1961) nos anos 1950, o Cerrado já era mencionado em narrativas e discursos da época. Agora, com Brasília, a ideia de homogeneidade cultural e econômica, ideologicamente forjada para o Brasil, almejada desde da década de 1930, agora é materializada (Vicentini, 2016). Isso muda discursos e práticas e, principalmente, o modo como esse espaço é explorado e utilizado.

4 Anápolis no Cerrado (a partir de 1960)

Por meio da sobreposição dos discursos de modernidade e a reprodução do capital, a intencionalidade de promover a integração do Centro-Oeste e o Norte do Brasil podem ser observadas através da política engendrada por Getúlio Vargas (1937-1945) durante o Estado Novo, conhecida como *Marcha para Oeste*. Esse ideário de integração do território nacional também pode ser observado através Plano de Metas (1957-1961) do governo de Juscelino Kubitschek, que tem como síntese a construção da cidade e capital federal Brasília.

A modernidade toma forma no Cerrado sendo palco de duas cidades planejadas, com a intenção de disseminar o “homem novo”, ambas em períodos e formas diferentes. No caso de Brasília, a arquitetura modernista toma forma e, conseqüentemente, um pouco desses traços podem ser notados em Anápolis, na qual se pode perceber alguns traços modernistas em uma escola da cidade (Figura 12).

Figura 12: Escola Estadual José Ludovico de Almeida na década de 1960.



Fonte: Museu Histórico “Alderico Borges de Carvalho”

Não obstante, no contexto anapolino, verificamos que a cidade se apresenta e sempre se apresentou como uma cidade tradicional – sob a perspectiva de que a arquitetura tradicional anapolina adota tipologias derivadas da arquitetura colonial, bandeirista e ferroviária, com predominância nos exemplares neocoloniais, ecléticos e *Art Déco* (Vargas, 2015) – com forte inclinação para as relações comerciais e de trocas. Essa inclinação comercial fez com que Anápolis ficasse sujeita a impulsos de desenvolvimentos que foram capazes de alterar a imagem da cidade, orientando o sentido de seu crescimento e dos seus usos e formas de apropriação. Inicialmente, sua posição geográfica lhe favoreceu, como caminho de passagem no período de extração do ouro; posteriormente, as relações comerciais que foram se consolidando (ainda que sob a perspectiva agrária, com a produção cafeeira, principalmente), com a ferrovia, a rodovia, os migrantes, a instalação da indústria, entre outros, cujos vultos alteraram a imagem da cidade.

Nessa nova etapa, tomando como ponto de partida a década de 1960, em decorrência do alinhamento e aproximações com o mercado internacional realizadas através dos discursos e políticas iniciadas por JK, observa-se que o discurso de modernização, nesse período, se dá por meio da rodovia e do automóvel (Figura 13). Deste modo, nota-se a instalação e a presença de indústrias como Volkswagen, Fiat, Ford, Chevrolet, dentre outras, que, por conta destas práticas e discursos ganham força e se destacam no cenário nacional.

A chegada da ferrovia, em 1935, representou o gatilho que promoveu a modernização, a mudança de usos e de apropriação do território. Nota-se que essa mesma ferrovia, que foi símbolo de modernização e desenvolvimento, capaz de modificar a imagem da cidade, foi bem recebida na década de 1930 em função do discurso vigente, porém, em 1976

quando se dá sua retirada do centro em virtude do novo discurso que se apresentava por meio da rodovia e do automóvel, a ferrovia já representava atraso não sendo capaz de dar respostas para o novo modelo de modernização.

Figura 13: Sede da Cia Comercial de Automóveis ao fundo na década de 1960.



Fonte: Museu Histórico “Alderico Borges de Carvalho”.

Nesse período, e por meio da mudança de discurso, a ferrovia já não representava o símbolo da modernização, deste modo, verifica-se um novo impulso que promoveu mudanças de usos e apropriações dentro do contexto urbano. A remoção dos trilhos e a instalação do terminal urbano são características que se manifestam na cidade (Figura 14). Nesse sentido, percebe-se que muitos dos discursos chegam a cidade de maneira tardia. A retirada dos trilhos, que acontece apenas em 1976, exemplifica isso. A população fez, por um bom tempo, protestos contra esse transporte, que já nesse período causava grandes transtornos para o novo ideário moderno de fluxos rápidos no centro da cidade.

Observa-se também a mudança de usos verificada em bairros como o Jundiá Industrial, uma região de galpões que servia de suporte para as relações comerciais e industriais promovidas pela ferrovia e a estação ferroviária engenheiro Castilho, onde encontramos hoje a atual Secretaria de Habitação e Meio Ambiente. No setor ainda se verifica a presença dos galpões industriais e alguns remanescentes dessa atividade industrial, porém, nota-se a intensificação do uso residencial no lugar.

Pelo viés rodoviário, observa-se que a BR-153 e a GO-060 passam pela cidade e se apresentam como elemento que foi capaz de estruturar e nortear as novas dinâmicas comerciais e a forma que se apresenta o crescimento da cidade no sentido norte-sul. Já em 1973, observa-se a presença marcante do impulso comercial da cidade que, por meio da Lei Estadual nº 7.700/73, cria-se o Fundo de Expansão da Indústria e do Comércio, que representou o esboço inicial do Distrito Agroindustrial de Anápolis (DAIA), inaugurado em 1976 (Figura 15), que se apresenta como novo gatilho modificador das dinâmicas e a imagem da cidade.

Figura 14: Convite para a ignorância: festa pela retirada dos trilhos da cidade em 1976.



FONTE: Estações Ferroviárias do Brasil.

Figura 15: Inauguração do DAIA com a presença do presidente Ernesto Geisel.



Fonte: Vieira (2021).

Luz (2009) aponta a forte relação comercial e sua especialização logística que a cidade apresenta, o que contribuiu e foi capaz de orientar a reprodução do espaço; e que na década de 1970, com advento industrial, contribuiu e modernizou os processos de produção. A partir da década de 1990, insere-se o segmento farmacêutico, que, ancorado nesta relação comercial, altera e potencializa as dinâmicas existentes.

Atualmente, a cidade de Anápolis se vê impregnada do discurso de modernidade que foi materializado durante todo seu processo evolutivo. Muito desse acervo de estilos

arquitetônico considerados modernos, ecléticos, *Art Déco* e de caráter modernista, ainda permanece na paisagem, porém, com o descaso do poder público (Figura 16). Segundo Silva (2019, p. 108), a cidade tem esse aspecto de desinteresse muito porque “a tradição do novo arraigada ao desapego à materialidade histórica se justifica pela busca do progresso e desenvolvimento”. A maioria dessas fachadas históricas se encontram ofuscadas por propagandas e elementos que trazem uma poluição visual aos usuários.

Figura 16: Imagens do setor central da cidade em 2021.



Fonte: Fotos de Lara Amaral (2021).

É interessante como muitas cidades, no geral, refletiram significativamente o discurso de modernidade, as dinâmicas espaciais, modos de uso e vida, em síntese, fugiram como puderam de toda a ligação com o passado e tudo que remetia ao atraso. Como apontado por Silva (2019, p. 39): “a busca pela identidade urbana baseada em contextos metropolitanos provocou, e ainda provoca constantemente, a desvalorização ou destruição do antigo para que construções novas, consideradas modernas, se insiram.”

Em Anápolis, no cenário do setor central, fica nítido o total descaso para com a história dos seus edifícios. Toda a narrativa de modernidade se materializou significativamente nessa cidade, fazendo com que, até os dias atuais, o anseio pelo progresso seja o seu principal foco, sem perceber ou buscar dialogar com seu passado. Essa paisagem, que tem a poluição visual como destaque, é visível na grande maioria do setor central, atualmente. No geral, seus edifícios históricos são descaracterizados pelas fachadas de propagandas e, dessa forma, não são *notados* pela população. A tendência, cada dia mais, é continuar com a mesma narrativa da absorção do desenvolvimento econômico sobretudo, até mesmo sobre seu trajeto histórico.

Observa-se que o espaço geográfico pode ser entendido como produto histórico e social, onde as relações sociais se materializam no meio espacial, deste modo, Carlos (2007) aponta que a atividade social teria o espaço como condição de sua realização.

Deste modo, as relações sociais realizam-se concretamente através de uma articulação espaço-tempo, o que ilumina o plano do vivido, ou seja, a vida cotidiana e o lugar. Assim, a reprodução de relações sociais materializa-se em um espaço apropriado para este fim, e a vida, no plano do cotidiano do habitante, constitui-se no lugar produzido para esta finalidade e é nesta medida que o lugar da vida constitui uma identidade habitante-lugar (Carlos, 2007, p. 41).

Luz (2009) apresenta algumas dinâmicas que se vinculam à (re)produção do espaço de Anápolis e à forma como esta se configura entre duas metrópoles. Nesse sentido,

observa-se a presença de diversos gatilhos e discursos de desenvolvimento que foram capazes de alterar e dar sentido para a construção da imagem da cidade em diversos períodos, discursos estes que se apresentam em diversas escalas, do macro ao micro.

Do ponto de vista histórico, Anápolis exerceu o papel de suporte ou base para a construção de duas capitais, ao mesmo tempo, cresceu como centro regional que procurou se firmar, por meio do desenvolvimento de atividades estratégicas que evoluíram conforme as estruturas regionais foram se transformando e modernizando (Luz, 2009, p. 323).

Luz (2009) aponta que a ferrovia contribuiu para consolidação do caráter comercial da cidade e sua especialização como centro logístico. É possível observar, como exemplo, o “setor industrial, a refuncionalização que alterou o perfil de atividades tradicionais e impulsionou novas práticas e formas de organização com o intuito de otimizar os resultados” (Luz, 2009, p. 323). Ainda com apoio de Luz (2009), nota-se que com o apoio do Estado se alteram as relações de produção e se promove a modernização a partir da década de 1970, por meio da indústria e da presença do segmento farmacêutico no início da década de 1990, o que simbolizou novo gatilho a alterar o perfil de modernização da cidade, que se ancora nas relações comerciais já existente.

Nesse sentido, o anjo da história de Anápolis, diferente do de Benjamin (2021), voltou seu rosto para o futuro, aceitando o vendaval que é tido como progresso, não há nele o desejo de parar, acordar os mortos e reconstruir, a partir dos fragmentos, tudo aquilo que foi destruído, pois aqui o espírito de modernidade se faz presente, e esta modernidade requer mudança e processo.

Para a maioria dos anapolinos, reinventar-se é quase como uma conduta natural, e o discurso de modernização se faz sempre presente, porém, tal ação não se apresenta exclusivamente para os anapolinos, mas sim em escala global, no contexto da globalização, em que grande parte dos sujeitos tendem a se assemelhar e se aproximar, em busca de uma homogeneidade, para que se garanta a produção e reprodução do capital, por meio de construções superficiais e identificações frágeis, fora do contexto local, o que vai fragmentando as heterogeneidades e promovendo o apagamento de identidades culturais contra hegemônicas dos locais.

Essa tentativa de “abafar” culturas, histórias e identidades não é recente, pelo contrário, sempre se deu em vários territórios; o relevante aqui é pensar em como cuidar e lutar para que cada vez mais a sociedade não se deixe levar pelas ideologias que apagam sua existência e que sempre perpassou realidades cheias de tradição e história. Há grupos que lutam na cidade para que a história anapolina, e todos seus percursos, não sejam esquecidos, e que sigam existindo com os poucos que conhecem e amam o seu passado não desgarrado do presente que se quer o tempo todo moderno.

5 Considerações finais

A modernidade foi essencial como discurso modificador da paisagem urbana de Anápolis que possui como premissa básica a ruptura com o passado e o atraso. É perceptível que, atualmente, se materializam na cidade esse discurso elencado com a produção capitalista do espaço, gerando uma cidade que não se reconhece em seu passado e não se apropria de sua identidade histórica. Identidade essa que não é única e nem estática, é caracterizada, como em todos os lugares, por possuir várias identidades criadas durante o tempo por variados personagens e culturas. O artigo buscou exemplificar um

pouco de como os discursos, principalmente o de modernidade, moldou um longo período da cidade, tornando-se assim um pouco da sua própria identidade.

Vê-se que o ideal, a partir da segunda fase, mais ainda com a chegada da ferrovia, passa a ser a modernidade como identidade. Pode-se dizer que é uma cidade que concretizou o discurso vigente na época de apropriação do “sertão” e está em constante processo de sempre romper com todo e qualquer elo que remeta ao atraso e que em cada época muda de anseio e percepção sobre o que é moderno. Porém, ao buscar sempre essa ruptura, é perceptível a falta de elo com sua identidade histórica urbana, que por muitos ainda é desconhecida, já que de sua paisagem urbana pouco se apreende desse passado, escondido através de letreiros, poluição visual e demolições.

Referências

- ALVES, Daniel Araújo. De Sant’ana das Antas a Anápolis: a formação de um município. **Caderno de Pesquisas**, Anápolis, ano 4-5, n. 1-2. Anápolis, GO, 2013.
- ALVES, Alda Franciele Gomes. **O Grupo Escolar Padre Trindade de Anápolis/GO: tempos e espaços escolares (1953-1973)**. 2019. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Linguagem e Tecnologias) – Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2019.
- BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. Organização e tradução de João Barrento. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- BERTRAN, Paulo. **História da terra e do homem no Planalto Central: eco-história do Distrito Federal, do indígena ao colonizador**. Brasília: Solo, 1994.
- CALABI, Donatella; RETTO JR., Adalberto; BOIFAVA, Barbara. Donatella Calabi. **Entrevista**, São Paulo, ano 4, n. 015.01, Vitruvius, jul. 2003. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/04.015/3335>. Acesso em 15 fev. 2024.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007.
- CARSALADE, Flávio de Lemos. Arquitetura e memória. In: CARSALADE, Flávio de Lemos. **Arquitetura: interfaces**. Belo Horizonte: AP Cultural, 2001.
- CHIAROTTI, Tiziano Mamede. O município de Anápolis: elucidações sobre sua emancipação política e historicidade. **Caderno de Pesquisas**, Anápolis, ano 2, n. 1, jun. 2010.
- CÔRREA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1995.
- DUTRA E SILVA, Sandro. **No Oeste, a terra e o céu: a expansão da fronteira agrícola no Brasil central**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2017.
- ESTAÇÕES Ferroviárias do Brasil. E. F. Goiaz (1935-1965) V. F. Centro Oeste (1965-1975) RFFSA (1975-1976). In: ESTAÇÕES Ferroviárias do Brasil. [S.l.]: [s.n.], [2020]. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/efgoiaz/anapolis.htm?msclkid=7b2e9045cee011ec815b0ef997b75123>. Acesso em: 08 mai. 2022.
- ESTEVAM, Luis Antônio. **O tempo da transformação: estrutura e dinâmica na formação**

- econômica de Goiás. 1997. 180 f. Tese (Doutorado em Economia) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1997. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/117241>. Acesso em: 7 fev. 2024.
- FRANÇA, Maria de Sousa. A formação histórica da cidade de Anápolis e a sua área de influência regional. *In: Separata dos Anais do VII Simpósio Nacional da ANPUH*. Belo Horizonte, 2 a 8 de setembro de 1973.
- GONÇALVES, Sabrina Machado. **Modernizar o passado, salvaguardando o espírito do lugar**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Lusíada de Vila Nova de Famalicão, Braga, 2012.
- GONÇALVES, Claudiomir Justino. **Anápolis no fluir dos anos, Vol. I (1798-1951)**. Goiânia: Kelps, 2021.
- LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural dois**. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Ubu, 2017.
- LUZ, Janes Socorro da. **A (re)produção do espaço de Anápolis/GO: a trajetória de uma cidade média entre duas metrópoles, 1970-2009**. 2009. 349 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15927>. Acesso em: 15 fev. 2024.
- MARTINS, Marco Túlio; CLEPS, Geisa Daise Gumiero; SILVA, Karinne Machado. A modernidade/ modernização da cidade de Goiânia: o discurso de Eli Brasiense em Chão Vermelho. *In: SILVA, Ademir Luiz da; OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de (org.). Goiânia: fundações da modernidade literária no cerrado*. Goiânia: Caminhos, 2021. p. 99-113.
- MUMFORD, L. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius loci: towards a phenomenology of architecture**. Nova Iorque: Rizzoli, 1980.
- PESAVENTO, Sandra J. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. **Cadernos do LEPAARQ: Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio**, Pelotas, v. 2, n. 4, p. 9-17, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/lepaarq.v2i4.893>. Acesso em: 7 fev. 2024.
- POLONIAL, Juscelino. **Introdução à história política de Anápolis (1819-2007)**. Anápolis: Edição do Autor, 2007.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela província de Goiás**. Tradução: Clado Ribeiro de Lessa. São Paulo: Companhia Editora Nacional. Vol. 2. 1937.
- SILVA, Ana Caroline Caixeta. **Do edifício histórico ao espaço urbano: um estudo sobre a Estação Ferroviária no Centro Pioneiro de Anápolis-GO**. 2019. 164 f. Dissertação (Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado) – Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2019. Disponível em: <http://www.bdt.ueg.br/handle/tede/371>. Acesso em: 15 fev. 2024.

SILVA, José Fábio da. **O progresso como categoria de entendimento histórico: um estudo de caso sobre a modernização da cidade de Anápolis-GO (1930-1957)**. 2014. 178 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/4031>. Acesso em: 15 fev. 2024.

SILVA, Rosenilda Rodrigues da. Breve descrição dos patrimônios históricos de Anápolis. *In*: CHIAROTTI, Tiziano Mamede (org). **Caderno de Pesquisas**, Anápolis, ano 2, n. 1, p. 31-38, 2010.

VARGAS, Lucas Gabriel Corrêa. **Representações sociais do progresso: uma perspectiva a partir da chegada da estrada de ferro em Anápolis-GO**. 2015. 134 f. Dissertação (Mestrado em Projeto e Cidade) – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/5735>. Acesso em: 15 fev. 2024.

VICENTINI, Albertina. **Tal sertão, qual cerrado?**. Goiânia: UFG, 2016.

VIEIRA, Marcos. História do Daia evidencia uma cidade com vocação industrial. **DM Anápolis**, Anápolis, 31 jul. 2021. Disponível em: <https://www.dmanapolis.com.br/noticia/4059/historia-do-daia-evidencia-uma-cidade-com-vocacao-industrial>. Acesso em: 11 mar. 2024.